





Casa de monjas aristocratas onde reina uma infanta

Desde logo, a dimensão do monumento impressiona e diz-nos coisas importantes. É o testemunho de uma instituição cujas origens remontam ao século X, anterior a Portugal, mas o que vemos é um imponente edificio de traça setecentista. Significa isso que, ao cabo de sete séculos, o Mosteiro de Santa Maria de Arouca continuava muito poderoso. Já o era desde tempos medievais, sobretudo depois de ali ter sido admitida uma filha de rei, cuja presença paira ainda por todo o lado.

Em 1220, quando D. Sancho I doou à sua filha Mafalda, por ser de seu padroado, o mosteiro arouquense, de que a dita se tornou a mais celebrada residente (nunca chegou a professar), a comunidade já era exclusivamente feminina. Mas não o foi na génese. Dedicado primeiro a S. Pedro e S. Paulo, chegou a ser uma instituição beneditina dúplice, mas os mon-





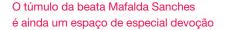
Circunstâncias várias ajudaram à invulgar boa preservação do edificado, mas também do acervo artístico atualmente à guarda do Museu de Arte Sacra ges foram dali retirados em 1154. A infanta portuguesa, que chegou a ser casada com Henrique I de Castela (foi rei com 10 anos e morreu com 13), casamento esse anulado pelo Papa, tinha cerca de 25 anos quando integrou a comunidade arouquense, o que contribuiu para o engrandecimento do mosteiro e para a adesão deste à reforma de Cister, confirmada por bula papal de 1226. Mesmo desaparecida, D. Mafalda aumentou a fama de Arouca. Quando morreu, em 1 de maio de 1256, estava no Mosteiro de Tuías (Marco de Canaveses), tratando de assuntos ligados às suas possessões, e o corpo chegou a Arouca logo no dia seguinte, para ser sepultado. A lenda, porém, aponta local distinto para o óbito e conta o milagre de uma mula que decidiu rumar a Arouca com o cadáver. Aí nasce o culto de Santa Mafalda, intensificado quando se fez constar que o corpo estava incorrupto. Foi beatificada em 1792, pelo Papa Pio VI, mas nunca canonizada.

A Carlo Gimach, arquiteto maltês que andou pelo Norte de Portugal no início do século XVIII, é devida a tra-



Retábulo barroco da capela-mor domina a igreja desenhada por Carlos Gimach







ça da igreja, construída de 1704 a 1730 e formada por três espaços diferenciados (coro, nave e capela-mor). Teremos de destacar o coro das monjas e o seu imponente cadeiral, executado em 1725 por dois entalhadores do Porto (António Gomes e Filipe da Silva), em cujo rico espaldar de talha dourada há 30 pinturas retratando cenas da vida de Mafalda e de outros santos. A riqueza desse espaço reservado às religiosas, a par de aspetos como a amplidão das celas e dos numerosos locutórios (dez, todos com roda que permitia a troca de artigos com os visitantes), são sinais da origem aristocrática das religiosas dali, que mantinham práticas de privilégio, apesar do voto de pobreza. É também de alto valor artístico toda a restante arte no interior do templo, do retábulo principal, belo exemplar do barroco joanino entalhado pelo bracarense Luís Vieira da Cruz, ao túmulo de D. Mafalda, ainda hoje de particular devoção. Mais tardio (iniciado em 1781), o claustro é neoclássico, de dois pisos, articulando zonas conventuais de interesse, como a cozinha, o refeitório ou a sala do capítulo. O claustro, "centro cívico" do mosteiro, estava inacabado, sendo fechado já na década de 1960, com as alas norte e poente.

Entre muitas vicissitudes através dos tempos, não só as políticas, mas também três incêndios, o último em 1935, o mosteiro resistiu, por mérito da Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda, ao preservar o seu preciosíssimo acervo de pintura, escultura, mobiliário e prataria. Daí nasceu a coleção do Museu de Arte Sacra, instalado no próprio monumento, que tem ainda à sua guarda um raro fundo bibliográfico musical, com códices manuscritos e livros impressos dos séculos XIII a XIX.



O coro das monjas, com o seu majestoso cadeiral e um imponente órgão ibérico, é um de vários sinais de este ser um mosteiro onde professavam damas da aristocracia



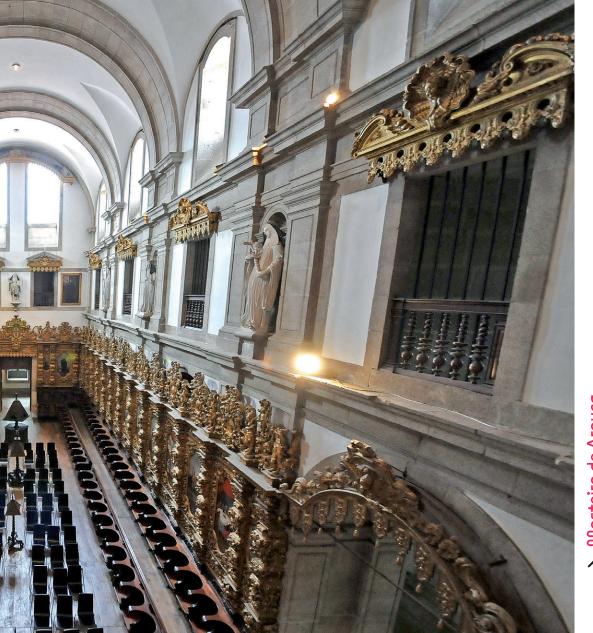


1

## Até à morte da última religiosa professa

A extinção das ordens religiosas pelo liberalismo, em 1834, valeu ao ministro responsável, Joaquim António de Aquiar, a alcunha de "mata-frades". Justamente porque, no imediato, só as instituições de clero regular masculinas eram extintas, passando os seus bens, com pequenas exceções, para o Estado. As ordens femininas, que não podiam admitir noviças nem permitir os votos das existentes, só seriam desmanteladas à morte da última religiosa professa. A última monja de Santa Maria de Arouca morreu em 1886, passando os bens para a esfera pública, mas a unidade do conjunto acabou por ser preservada. Muito do edificado religioso português foi vendido em hasta pública, daí resultando a sua rápida degradação, em especial por não haver serventia para tão grandes edifícios. Outros foram adaptados a novas funções: organismos do Estado, bibliotecas, museus, quartéis ou, até, a sede do Parlamento português.

www.patrimonioanorte.pt



→ Mosteiro de Arouca

www.patrimonioanorte.pt









→ Mosteiro de Arouca

Monastery of Arouca



COFINANCIAMENTO











CO-PROMOTORES











